

COMENTÁRIO BÍBLICO

11º Domingo Comum – Ano A

14jun2020

Génesis 25,19-34; Salmo 46; Romanos 5,6-11

S. Mateus 9,35-10,8

³⁵Jesus andava por todas as cidades e aldeias, ensinava nas sinagogas, anunciava a boa nova do reino de Deus e curava toda a espécie de doenças e males. ³⁶Ao ver a multidão, Jesus sentiu imensa compaixão, porque andavam desorientados e perdidos como ovelhas que não têm pastor. ³⁷Disse então aos discípulos: «A colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos. ³⁸Peçam ao dono da seara que mande mais trabalhadores para a sua colheita.»

¹Chamando para junto de si os seus discípulos, Jesus deu-lhes poder para expulsarem espíritos maus e curarem toda a espécie de doenças e males. ²São estes os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e seu irmão André; Tiago e seu irmão João, filhos de Zebedeu; ³Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o cobrador de impostos; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴Simão, do partido dos Nacionalistas, e Judas Iscariotes, aquele que traiçou Jesus.

⁵Jesus enviou estes doze dando-lhes as seguintes instruções: «Não se desviem para o caminho dos pagãos, nem entrem em qualquer cidade dos samaritanos. ⁶Vão antes ter com as ovelhas perdidas do povo de Israel. ⁷Pelo caminho anunciem que o reino dos céus está a chegar. ⁸Curem os que estão doentes, purifiquem os leprosos, ressuscitem os mortos e expulsem os espíritos maus. Receberam de graça, deem de graça.

1. A Liturgia é um guião que nos orienta na adoração a Deus ‘em espírito e em verdade’. Não é o primado da espiritualidade, mas ajuda-nos – é instrumento – no nosso relacionamento pessoal e na comunidade eclesial com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, constitui uma experiência que enriquece e molda a nossa compreensão de Deus e a nossa comunhão de uns com os outros. Se usada devidamente lembra-nos que o pecado existe em cada um de nós e nas nossas comunidades e torna-nos conscientes de que necessitamos da misericórdia de Deus, de que vivemos pela graça através da fé e, ainda, de que nos devemos esforçar por oferecer uma vida santa a Deus. E, no contexto da Liturgia, temos também o Ano Litúrgico, outro instrumento de disciplina vivencial para ajudar-nos a focar a nossa atenção nos diversos tempos e momentos da realidade da fé, centrada na Sagrada Escritura.

Tudo isto vem a propósito porque no Domingo passado entramos na 2ª parte do Ano Litúrgico, o Tempo Comum. A primeira parte começa com o Advento, avança pelo Tempo de Natal, a Epifania, a Quaresma, o Tempo de Páscoa e termina com o Pentecostes. Apresenta-se aí a vida de Jesus, por ordem cronológica, do nascimento até à Ascensão. Na segunda, com o Domingo da SS Trindade, recomeça o Tempo Comum – houve alguns Domingos que se entremearam entre a Epifania e a Quaresma – no qual somos chamados a debruçar-nos sobre o ensino e ação de Jesus com vista ao plano salvífico de Deus para cada um de nós. Como este é o Ano A, neste Tempo predominam os textos do Evangelho de S. Mateus.

2. No início do Evangelho de hoje temos a súplica da ação de Jesus, pregador itinerante que ensinava, anunciava o Reino de Deus e curava. Naturalmente que as curas e os milagres que Jesus fazia era o que chamava mais atenção para a Sua pessoa e levava as multidões a procurá-Lo e segui-Lo. A Sua compaixão pelas pessoas que sofriam de doenças (sogra de Pedro – S. Mateus 8,14), de deformações físicas (os cegos, os coxos, os leprosos, os surdos – S. Mateus 11, 5) e até pelos mortos que ressuscitou, manifestou-se realmente ao longo da Sua itinerância mostrando um coração que sofria com eles. As curas de Jesus caminhavam a par do anúncio do Reino de Deus, o que nos leva a pensar que eram uma revelação de Deus e um caminho para Ele. No entanto, muitos foram os curados que não conseguiram chegar a esse significado do que lhes aconteceu e ficaram-se pelo que era o mais importante para eles, o alívio do sofrimento.

Com humildade temos de confessar que nos é difícil compreender o verdadeiro significado de tamanha atividade curativa. Li algures que ‘Jesus veio para tornar as pessoas felizes’, levando a ‘ver’ em Jesus o grande assistente dos homens que procurava aliviar as suas dores pessoais e as suas misérias sociais. Desta forma, facilmente se considera que o objetivo da mensagem de Cristo é a felicidade, tal como a entende o comum dos mortais, ou seja, a ausência do sofrimento, a previsão das desgraças, a satisfação das necessidades das pessoas. Seria essa a felicidade que Jesus considerava ausente na multidão por quem se compadecia *porque andavam desorientados e perdidos como ovelhas que não têm pastor?*

A felicidade para que Jesus nos aponta e nos interpela é a do Sermão do Monte (S. Mateus 5, 3-12): felizes são os que têm coração de pobres, os que choram, os humildes, os que têm ânsia de cumprir a vontade de Deus, os que tratam os outros com misericórdia, os sinceros de coração, os que procuram a paz entre os homens, os que são insultados, perseguidos e caluniados por seguirem a Jesus e cumprirem a vontade de Deus. Tudo menos aquilo com que sonhamos para viver a contento: saúde, dinheiro, bem-estar, sucesso, projeção social, etc. Se lermos com atenção as descrições das curas de Jesus percebemos que no centro das mesmas está a fé – *a tua fé te salvou*. Ou seja, a nossa felicidade interessa a Jesus, porque Ele veio revelar-nos o Deus de amor. Porém, para Ele o que mais conta é a felicidade em razão da santidade, o *esquecermo-nos de nós próprios* (S. Mar. 8,35) focalizando-nos nas necessidades dos outros.

Reparai, como tudo está ligado! Começa-se por falar em curas (alívio do sofrimento) e depressa se está no anúncio do Reino de Deus, o que realmente Jesus vivia e ensinava ao povo de cada lugar.

3. Em tudo o que se passou desde o princípio da pandemia, particularmente nos Hospitais, o clamor maior que nos ficou foi a falta de trabalhadores de saúde – médicos, enfermeiros, auxiliares e outros – a par da necessidade de mais instrumentos de trabalho para os mesmos. Parece que tal acontecia já no tempo de Jesus, na seara do Reino: *«A colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos. Peçam ao dono da seara que mande mais trabalhadores para a sua colheita»*. O que surpreende é que Jesus não tenha pedido ‘sacerdotes para o Templo’, mas, sim, *trabalhadores para a colheita*. Aliás, quando Jesus se refere aos seus seguidores nunca fala em ‘funcionários do Templo’. Porque será? O propósito de Jesus era a construção do Reino de Deus. Peçamos ao Senhor da messe *trabalhadores para a colheita*: Senhor, toma-os e aquece-lhes o coração!

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana